

PAUSAR OU A DIFERENÇA NA PRAÇA – ENTRE A POTÊNCIA DE AGIR E A POTÊNCIA DE NÃO-AGIR

Elizabeth Araújo Lima¹

Resumo: Esta comunicação traz um breve relato dos acontecimentos de um dia na greve de funcionários, professores e estudantes da USP, ocorrida em 2014. A partir desse relato busca-se pensar a relação entre potência e ato em sua articulação com as práticas de poder e de resistência. O ato como expressão da potência, revela uma operação pela qual a diferença se expressa; mas quando os homens são separados daquilo que eles podem, isto é, de sua potência de agir e pensar, há aqui, segundo Deleuze, uma operação do poder, que captura a ação nas malhas da repetição.

Palavras chave: Deleuze; potência e ato; diferença.

Comunicação

É dia 2 de setembro de 2014. Em algum lugar da USP, o Conselho Universitário (CO) se reúne para deliberar sobre reajuste salarial e o Plano de Demissão voluntária proposto pelo reitor Marco Antônio Zago. Em outro, na Praça do Relógio, a comunidade da USP se reúne em um Ato em Defesa da Universidade Pública. SOS USP. Precisamos ir ao socorro desse espaço que suporíamos ser aquele do pensamento e sua expressão.

Funcionários, professores e estudantes, em uma escala menor, estão em greve há 100 dias. A greve mais longa que já aconteceu na USP. Mas não a mais forte, embora tenhamos motivos e razões de sobra para nos levantar e fazer o nosso mundo parar ainda e mais uma vez. Apertar o pé na embreagem da grande máquina universitária e fazer com que as engrenagens se soltem. Um ponto de suspensão e respiro antes de tirarmos os pés da embreagem e deixarmos que as peças voltem a se encaixar. Quem sabe então, teremos mudado de marcha e a máquina passe a funcionar em outro ritmo ou em outra direção.

Estamos em meio a uma guerra entre o desejo de uma democracia por vir, como a nos dizer que há infinitas formas de ser, de pensar, de produzir e trocar conhecimento, e a crescente e poderosíssima força de homogeneização e controle que tenta estabelecer as bases de um modo de existência único, numa universidade hierárquica, conservadora, autoritária e voltada para a lógica do mercado. Movimentos em direções opostas que estão absolutamente entrelaçados no contemporâneo.

Na praça do relógio estudantes, funcionários, professores, familiares, companheiros de luta e de vida, alguns muito jovens, outros muito velhos, negros e brancos, mulheres, homens, gays, alguns muito alegres e outros mais tristonhos. Todos empreendendo um colossal esforço para produzir um comum, produzir um “nós” – como diz Maria Helena Patto neste encontro – escapar desse fosso de isolamento ao qual somos cotidianamente arremessados.

Em uma sala fechada, cerca de 100 homens e mulheres – quase todos *macho, adulto, branco, sempre no comando* – se reúnem para mais uma vez definir os rumos de uma instituição na qual trabalham e estudam por volta de 114.000 pessoas. (92.000 alunos, 5.800 docentes, 16.800 funcionários técnicos e administrativos).

Os que se encontram ali, na reunião do Conselho Universitário (CO), não toma decisões respaldados por discussões coletivas; não são representantes a votar em nome de seus respectivos grupos ou unidades, mas indivíduos que pela sua competência, seu mérito próprio, sua carreira e seu título, foram autorizados a tomar decisões a partir de sua avaliação e opinião pessoal. Alguns diretores

¹ Professora do curso de Terapia ocupacional da Universidade de São Paulo e orientadora no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UNESP, *campus* de Assis. E-mail: beth.araujolima@gmail.com.

chegaram a declarar que não concordavam com as decisões dos colegiados de suas Unidades e que votariam pela sua consciência. Estranho modo de resolver os impasses que levam a pensar nos limites políticos das formas de representação. Nesta leitura autoritária dos limites da representação, os que podem decidir, no caso da USP, aqueles que galgaram os altos postos da carreira universitária, têm carta branca para legislar, sem ouvir nem dialogar com a comunidade acadêmica.

Nada muito diferente da forma de “gestão” empresarial que tem sido adotada em universidades por todo o mundo. (Halffman; Radder, 2015). Pra que diálogo se já se sabe o que é preciso e necessário fazer? E porque ouvir a comunidade se os especialistas de todo o mundo já deram a receita?

Comunidade? Que comunidade é esta?

Para o reitor e o CO, não há comunidade, mas apenas sindicatos retrógrados, corporativos, querendo defender regalias e privilégios obsoletos e que têm que ser combatidos custe o que custar.

Mas, e para os da praça? Aqueles que se reúnem para lançar uma campanha de salvamento da USP? Há ainda uma comunidade? E para os outros tantos que não estão nem aqui nem acolá? Eles ainda fazem parte de alguma coisa ou se sentem parte de algum coletivo?

O que restou de comum numa comunidade universitária? E é preciso lembrar que para se produzir um comum é necessário acolher as singularidades e as diferenças que povoam um certo ambiente de corpos que se encontram.

Na sala fechada os componentes do CO decidem aprovar um plano institucional de demissão voluntária (PIDV) (com 70 votos a favor, 30 contra e 4 abstenções).

Na praça, em espaço aberto, os que se esforçam por inventar uma comunidade por vir, assistem a leitura dramática de um texto tragicômico sobre a universidade e ouvem com elevada emoção as notas de uma flauta transversal, que em composição com cavaquinhos e bandolins nos trazem a sonoridade do chorinho, talvez o estilo musical que mais se adéqua a este acontecimento que está sendo vivido de extrema beleza e ao mesmo tempo muito triste. Conversam, também, sobre tempos sombrios e concluem: é preciso se esforçar por compreender o que tornou possível esses tempos sombrios que são os nossos.

Nos primeiros meses de 2015 os que trabalham na USP podem sentir o impacto desta decisão: 220 funcionários a menos no Hospital Universitário, forçando o fechamento de alas inteiras do Hospital; 20 funcionários a menos no Centro de Saúde-Escola do Butantã, aumentando as filas de atendimento e enterrando práticas de saúde que há muito vinham sendo desenvolvidas; creches da USP sem abertura de vagas para novos ingressantes.

Deleuze define a operação do poder como aquela que separa os homens daquilo que eles podem, isto é, de sua potência de agir e pensar.

Ao falarmos de ação humana, estamos nos referindo à expressão da potência no mundo de forma sempre diferenciada, diferenciante e em diferenciação. Como os homens interferem no mundo e com ele se relacionam? Como agem? Que responsabilidade cada um tem com seus atos e seus efeitos? O que é produzido com cada ato e que mundo é criado a partir deles? É todo um terreno da ética e da política que se configura nessas questões.

Assim, para entender esses tempos sombrios que são os nossos, talvez seja preciso pensar e experimentar as relações entre potência e ato para buscar compreender como fomos separados da nossa potência; e também para tentar inventar dispositivos que nos permitam ensaiar a recuperação dessa potência. Afinal, que resistências são possíveis? Resistência aqui entendida no sentido de recuperação da nossa potência de agir e de pensar.

O ato pode ser pensado como expressão da diferença quando "o fundo sobe a superfície sem deixar de ser fundo"? (Deleuze, 1998). A ação existe na forma da multiplicidade de expressões de uma mesma potência. Uma só e mesma substância se expressa diferenciando-se (Deleuze, 2002).

O problema no contemporâneo é que o modo de vida do homem ocidental moderno elevou ao extremo a potência de agir, mas de forma que esta potência foi capturada pelas forças do Capitalismo Mundial Integrado (Guattari, 1992). Trata-se “daquela parte da humanidade que ampliou e desenvolveu de tal forma a sua “potência”, a ponto de impor o seu “poder” a todo o planeta”. (Agamben, 2009).

Nessa ampliação ao infinito da potência somos tomados num sempre-fazer-mais, somos impedidos de não-agir, de pausar, de lentificar, de inibir a ação. Nosso fazer é capturado numa repetição infinita: ao fazer qualquer coisa estamos, ao mesmo tempo, fazendo uma só e mesma coisa.

Ao fazer isto ou aquilo, seja produzindo, seja consumindo, seja trocando, seja pedindo dinheiro emprestado ou simplesmente vivendo, estou ajudando a fazer de mim mesmo, em última instância, um dos pontos de aplicação dos mecanismos de reiteração dos pressupostos do capitalismo... (Orlandi, 2002)

Vemos que o poder que nos separa de nossa potência atua, de forma ainda mais insidiosa, nos separando de nossa “impotência”, agindo sobre o que não podemos fazer e sobre o que podemos não fazer. Agamben retoma Aristóteles para indicar que a potência de agir inclui em si a potência de não fazer. Assim, ter uma potência significa, ao mesmo tempo, ter uma privação: à potência falta o ato. Por ter uma potência o homem pode não colocá-la em ato. “Quer dizer, a potência é definida essencialmente pela possibilidade do seu não-exercício, assim como *exis* significa: disponibilidade de uma privação”. (Agamben, 2009)

O homem moderno é separado da sua potência agir ao ser separado de sua potência de não agir. Ele não pode não fazer. Ele tem que agir o tempo todo. Uma mesma qualidade – a da aceleração – toma a potência de agir e fazer. Neste modo de vida investe-se na diversidade das expressões, das ações e das coisas produzidas sem acolher a diferença de qualidade que só poderia se exprimir na diferença de ritmos, nas pausas e nos silêncios, já que o que caracteriza uma coisa singular são suas velocidades e lentidões (Deleuze, 2002).

Ao fazer da vida um sempre estar aí fazendo, o homem moderno destrói sua potência. O fazer na Universidade está, como todos os outros fazeres, capturado pelas linhas do capitalismo. Não paramos de fazer, preencher planilhas e formulários, emitir pareceres, escrever textos e mais textos que não serão lidos.

Num tal contexto, talvez somente a possibilidade da pausa e do não fazer possa recuperar à ação sua potência de diferenciação. Como o silêncio necessário para que a música possa acontecer. A captura da potência pelo fazer desenfreado leva à destruição da potência, à impossibilidade de pensar; e, em última instância, à destruição da vida no planeta.

“I would prefer not to!” (Melville, 1953).

Referências

AGAMBEN, G. *Nuditès*. Paris: Edition Payot & Rivages, 2009.

DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

HALFFMAN, W.; RADDER, H. *The Academic Manifesto: From an Occupied to a Public University*. <<https://link.springer.com/>> (Open Access). 2015.

MELVILLE, H. *Bartleby, the Scrivener: A Story of Wall Street*. 1853. Acessível em: <<http://www.vcu.edu/engweb/webtexts/bartleby/>>.

ORLANDI, L. B. Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos? In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. L.; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzscheanas*. RJ: DP&A Ed., 2002. p. 217-238.